

Sines

Roteiro da Costa de Sines

1 Lagoa da Sancha

Integrada na Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha, é um local privilegiado para contactar com a natureza, seguindo um percurso pedestre que transpõe a duna da margem este da lagoa, atravessa a charneca, com os seus matos, onde predominam as urzes e os tojos, segue por áreas de pinhal e permite subir a um ponto alto, onde se observa o enquadramento paisagístico. No espaço lagunar dominam os caniçais e salgueirais. Em todos estes habitats existem vários endemismos (espécies com distribuição restrita), como o tojo-chamusco, tomilho, améria e o marcetão, espécie dominante que, no início do verão, torna o amarelo da sua floração, a cor predominante na paisagem.

2 Ribeira de Moinhos

Como se tratava de uma linha de água que nunca secava durante o verão, foi um dos locais privilegiados para a construção de moinhos, desde a Idade Média. Dois deles eram propriedade da Ordem de Santiago, que aforava um a Vasco da Gama e a seu cunhado, Lopo Mendes, em 1517. A ribeira termina numa lagoa, cujos terrenos férteis eram pertença do concelho, que os arrendava, sendo uma zona privilegiada para a vinha e um dos primeiros locais onde se cultivou arroz em Sines.

3 Ermida de São Bartolomeu

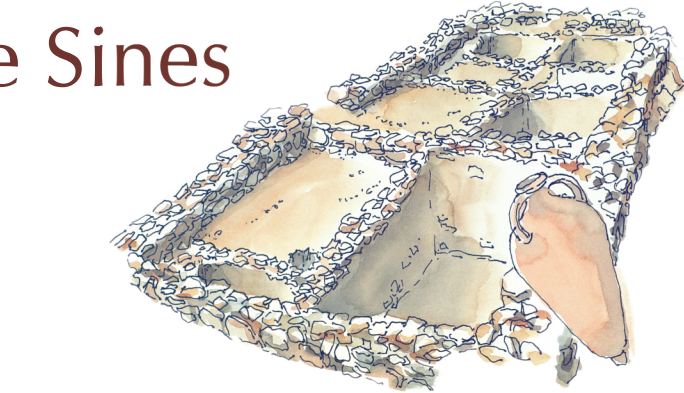
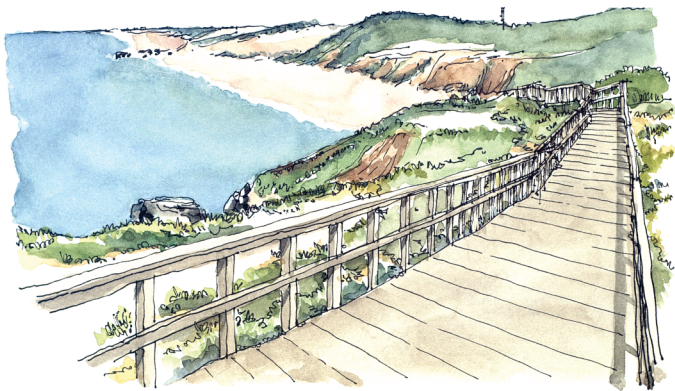
Construída, provavelmente, ainda no séc. XIV, a Ermida de São Bartolomeu, destaca-se pelo seu nártex rasgado por janelas em arco de volta perfeita, que abrigava os romeiros que aqui se dirigiam por altura da festa realizada a 24 de agosto. A imagem gótica do orago, em pedra policromada, era nova em 1517 e conserva-se hoje no Museu de Sines. Nas paredes caiadas, animadas por contrafortes, destacam-se duas pedras de amolar, onde os devotos afiavam facas e tesouras de tosquia, pedindo a proteção do Santo, que fora pescador e havia sido esfolado vivo, para as suas atividades.

4 Forno de Cal

Este forno já se encontra assinalado numa carta da costa realizada em finais do século XVIII, no entanto a sua origem deverá ser bem mais antiga. Como em Sines escasseia a pedra calcária, necessária para o fabrico de cal, esta era produzida, neste local, a partir das conchas que, em grande quantidade, o mar depositava na praia.

5 Passadiço da Costa do Norte

Na Costa do Norte termina o extenso areal que se estende desde Troia e é um dos mais longos da Europa. A construção deste passadiço teve como objetivos desincentivar o pisoteio das dunas e arribas, permitir uma melhor recuperação dos sistemas costeiros e, ao mesmo tempo, contemplar em segurança este local onde irrompe o maciço ígneo que forma o Cabo de Sines, afrontado pelo mar, que em permanente luta, cobre de espuma os rochedos.



6 Fábrica Romana

A pesca foi a mais importante atividade dos sinienses até à industrialização do concelho. A sua relevância, já na Época Romana, está atestada pelos seis estabelecimentos de conserva e transformação de pescado descobertos até hoje na cidade, um dos quais foi restaurado e musealizado, estando acessível a quem visitar livremente a área envolvente do Castelo. Construído nos finais do século I, laborou, com interrupções, até ao século V, produzindo preparados diversos, como revelam os tanques de diversos tamanhos que rodeiam o pátio, onde era limpo, escamado e preparado o pescado, com destaque para a sardinha. As ânforas expostas, são réplicas das que aqui foram escavadas e que se destinavam a transportar o produto final para as cidades do interior e, eventualmente, para outros pontos do Império.



7 Farol

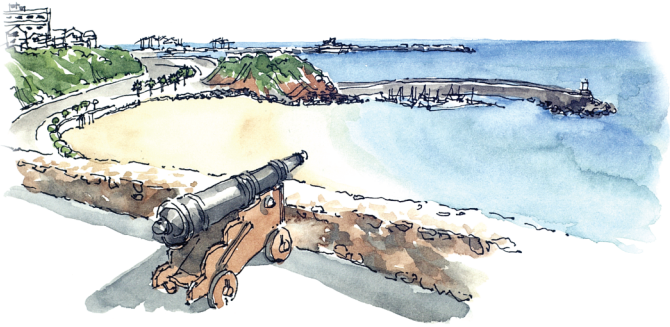
Entrou em funcionamento em abril de 1880, servindo de referência noturna a quem navega na costa entre Cabo Espichel e Cabo Sardão. Inicialmente com uma luz fixa incandescente, de vapor de petróleo, substituída em 1915 por luz ritmada de um aparelho lenticular de Fresnel, foi finalmente eletrificado em 1948 e ampliado, em mais 6 metros, entre 1992 e 1995, passando então a ter os atuais 28 metros de altura.

8 Calheta

Desde o reinado de D. Manuel I que os pescadores de Sines vêm pedindo um porto que os abrigasse dos temporais de inverno. A partir de um rochedo situado a poente da povoação, foi tomando forma a antiga calheta, para a qual se conhecem projetos, de melhoria e ampliação, desde finais do século XVI, da autoria de ilustres engenheiros militares, como Leonardo Turriano e Alexandre Massai. Utilizada até à década de 70 do século XX, foi parcialmente aterrada e substituída pelo atual porto de pesca, situado nas proximidades, onde se vêm as cores vivas das traineiras e os pescadores atarefados.

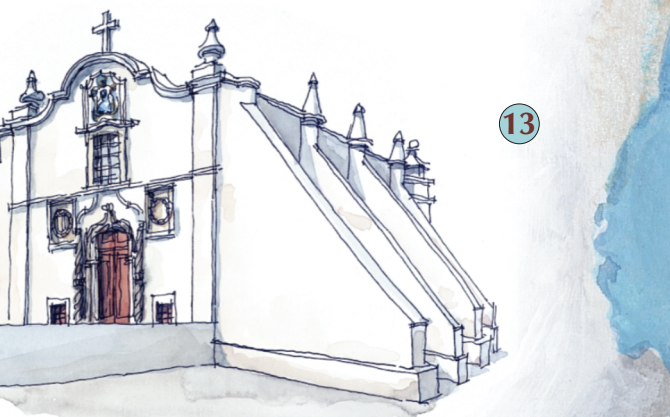
9 Castelo

No dia 24 de novembro de 1362, D. Pedro I elevou Sines a vila, mas, como contrapartida, exigiu que os seus habitantes contruissem uma cintura de muralhas, que está na origem do atual Castelo. Esta decisão integra-se numa estratégia mais vasta, de repovoamento da costa portuguesa. A partir do início da expansão marítima, marcado pela conquista de Ceuta, em 1415, este objetivo tornou-se mais premente, pois o corso magrebino intensificou-se, e o projeto do Castelo de Sines teve novo fôlego, ficando concluído cerca de 1480, quando Estêvão da Gama era alcaide-mor. O seu filho, Vasco da Gama, passou aqui a sua infância e foi crismado na antiga igreja Matriz.



10 Igreja de Nossa Senhora das Salas

Fundada pela princesa grega D. Vataça Lascaris, foi reconstruída, em maior escala, por Vasco da Gama, que na sua fachada mandou colocar a sua pedra de armas e uma lápide de fundação com todos os seus títulos. O edifício de inícios do século XVI conserva-se na íntegra, sendo o seu interior enriquecido com retábulos de talha setecentista e um notável ciclo de azulejos de cerca de 1780, com cenas da vida da Virgem. Hoje é possível visitar o tesouro, onde se expõem joias e outros objetos oferecidos à Senhora ao longo dos séculos, maioritariamente pela comunidade piscatória que ainda hoje lhe tributa grande devoção, especialmente no dia 15 de agosto, em que se celebra a sua festa, que inclui uma procissão no mar com as embarcações engalanadas.



SINES



11 Amarelas

Por entre os garbos e dioritos, que são as rochas mais frequentes do maciço eruptivo de Sines, destacam-se outras rochas resultantes da projeção de lava e que apresentam características diferentes, como se pode ver pela coloração amarela que destaca esta zona.

12 Percebeira

Este grande rochedo ou ilhota deve o seu nome à espantosa quantidade de percebes que o cobriam, graças à forte rebentação das ondas que transportam ricos nutrientes e que, ao mesmo tempo, dificultam o acesso humano. Era, no passado, uma importante referência náutica, quando se navegava à vista da costa, surgindo representada em diversos mapas e até nas tapeçarias da Conquista de Tunes, encomendadas pelo imperador Carlos V.



13 Cromeleque Monte Novo

Este monumento megalítico, do Neolítico Final, é formado por um círculo de pedras rodeado por diversos afloramentos rochosos onde foram escavadas covinhas e canais com clara função ritual. Assim se sacralizou a vertente sul do maciço eruptivo, onde é claro o domínio visual sobre um vasto território litoral.

14 Pontal de Santa Catarina

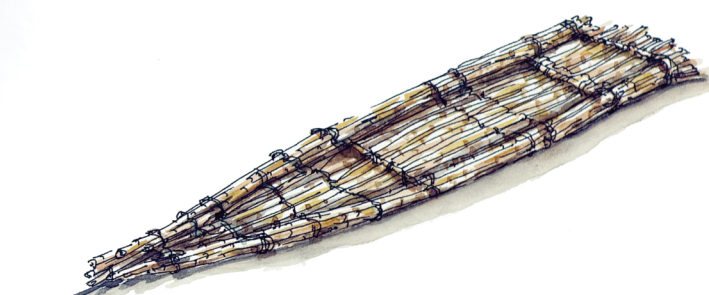
Este maciço rochoso, que remata a praia, a Sul, marcava o início de um trecho de costa com rochas desagregadas, pequenas baías e escarpas, rochas semi-submersas, que constituíam uma armadilha perigosíssima, em dias de tempestade, quando os ventos de sul empurravam contra elas as frágeis embarcações de madeira. Nesses momentos terríveis, os marítimos invocavam, entre outros santos auxiliares, Santa Catarina, tendo-lhe erguido uma pequena capela sobre o Pontal, onde se guardava a belíssima imagem hoje conservada no Tesouro da Igreja de Nossa Senhora das Salas.



Segundo os antigos martirológios, chamava-se Cayo Sylvio Torpes e foi valido do imperador Nero. Convertido ao Cristianismo por São Paulo, foi condenado à morte, mas sobreviveu a algumas tentativas de execução, até ser decapitado, no ano de 64. O seu corpo foi posto numa barca velha, com um galo e um cão, e lançada à corrente do Arno, que desagua no Mediterrâneo. No mês seguinte à sua morte, um anjo aparece em sonhos a Santa Celerina, que vivia em Sines, para receber os despojos na praia da foz da Junqueira. Ouvindo o galo, encontra o corpo decapitado e enterra-o mesmo aí. Após a diminuição das perseguições aos cristãos, foi construída sobre o túmulo uma magnífica igreja – a primeira da Europa.

16 Cruzeiro de São Torpes

Em 1591, o Arcebispo de Évora manda procurar nos areais de Sines o túmulo perdido de São Torpes. Junto da foz da ribeira da Junqueira descobriu-se então uma estrutura de planta circular formada por grandes esteios de pedra, fragmentos de osso, uma taça de barro e uma placa de xisto gravada. Os achados foram levados para a igreja Matriz onde, durante um século foram venerados como relíquias do Santo, incluindo dois dos esteios de pedra. Muitas das figuras centrais da história da arqueologia portuguesa interessaram-se pelo local, mas foi José Leite de Vasconcelos que destruiu o mito, identificando os achados como pertencentes a uma anta do Neolítico Final / Calcolítico. Atualmente, só resta a base do cruzeiro com a inscrição: “O S.r.s. Torpes / Este calvario mandou fazer e assentar o Capitão Alexandre de Campos Brº / anno de 1783”.



17 Praia da Pedra da Casca e Jangada de São Torpes

A grande sobrevivência etnográfica do concelho de Sines é a Jangada de São Torpes. Feita apenas de cana e cordas, foi utilizada até aos anos 80 pelos pescadores que moravam junto das praias. Viviam do marisco e peixe que vendiam aos restaurantes e que trocavam com os camponeses da zona, dos seus rebanhos que pastavam nas dunas e de alguns trabalhos sazonais. A jangada podia ser carregada por uma só pessoa e flutuava à superfície das águas, o que facilitava a pesca junto das rochas semi-submersas, verdadeiras maternidades de vida marinha, que são restos fossilizados de antigas dunas transformadas em arenito, tão características deste troço da costa.

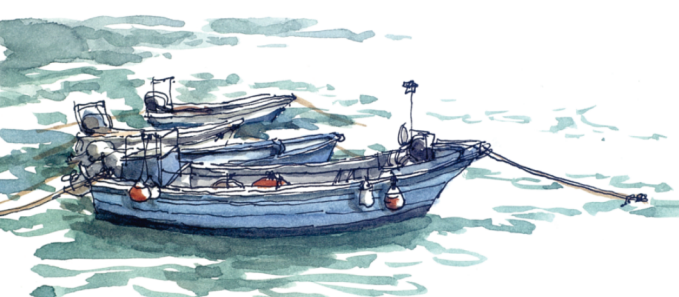
18 Largo de Porto Covo

Notável obra do urbanismo iluminista português, esta praça data do último quartel do século XVIII e terá sido projetada pelo arquiteto Henrique Guilherme de Oliveira, de quem se conhece uma proposta mais ambiciosa. Resulta da larga experiência dos engenheiros militares portugueses no projeto de novas povoações, erguidas de raiz em espaços coloniais, especialmente no Brasil a que se associou o debate dos intelectuais da Academia das Ciências que defendiam o incremento da agricultura, mediante o povoamento de áreas do país abandonadas com a construção de novas povoações. A iniciativa ficou-se a dever a Joaquim Fernandes Bandeira, grande comerciante lisboeta que, por isso, foi agraciado pela rainha D. Maria I com o título de Senhor de Porto Covo.



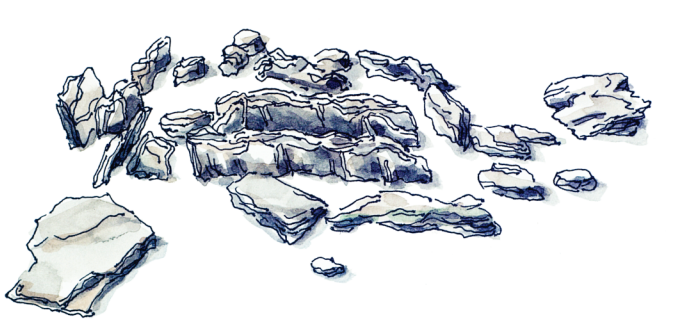
19 Baía de Porto Covo

Mesmo antes da fundação da povoação, a angra de Porto Covo já era utilizada, não só para a pesca, como para o carregamento de carvão para Lisboa. Aí existia um depósito, a casa dos guardas e uma venda. Em meados do século XIX já temos notícia da vinda de alguns banhistas durante o verão, tendo mesmo existido um pequeno estabelecimento de banhos quentes que permitia o alívio de quem sofria de doenças reumáticas.



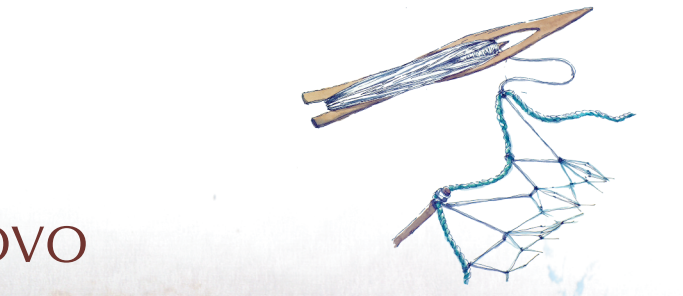
20 Ilha do Pessegueiro

O canal existente entre a ilha e a praia, foi utilizado, em tempos recuados, como porto, mas apenas durante o verão. A uma ocupação da Idade do Ferro, sobrepôs-se outra, da Época Romana, especializada na conservação de peixe, abundante em torno da ilha. O próprio nome, Pessegueiro terá origem na palavra Piscarius fazendo jus à riqueza piscícola da área. Em 1588, período filipino, iniciou-se na costa do pessegueiro um projeto para a criação de um “formoso e seguro porto”. Sob a direção do engenheiro italiano Filipe Terzi, mais tarde substituído por Alexandre Massai, iniciara-se o primeiro grande projeto de engenharia marítima na costa alentejana. Objetivamente, desejava-se explorar a riqueza piscatória e instaurar uma nova povoação. O projeto começou por alargar o comprimento da ilha cortando enormes blocos da mesma. Contudo, os constantes ataques não permitiam um pacífico percurso das obras. Alexandre Massai decide avançar com a fortaleza junto à costa para proteger os trabalhos. Os navios que atacavam a costa passaram a esconder-se por detrás da própria ilha, o que levou à tentativa de construção de um forte na mesma, hoje em ruínas e nunca concluído. Todo este projeto fora abandonado. A costa do pessegueiro só voltou a ter um novo plano após a restauração.



21 Necrópole do Pessegueiro ou Cemitério dos Mouros

Esta necrópole, da Idade do Bronze, agrupa monumentos funerários constituídos por sepulturas de tipo cista, que são formadas maioritariamente por quatro lajes de xisto e uma tampa. Estas eram rodeadas por recintos tumulares de planta retangular, confinantes uns com os outros, depois cobertas por terra e outros materiais, formando o conjunto uma espécie de favo. Cronologicamente inseridos entre 1500 e 1200 a.C.



22 Forte do Pessegueiro

A pressão de corsários e piratas sobre a costa alentejana, bem presente até finais do século XVIII, importunando a navegação e assustando os moradores, justificou a edificação de uma nova fortaleza na costa do Pessegueiro. João Rodrigues Mouro desenhou e dirigiu a obra do forte que atualmente encontramos junto da praia. Foi construído sobre as ruínas do antigo projeto filipino e concluído em 1685.

23 Ribeira do Queimado

Frei Agostinho de Santa Maria conta-nos que o nome está associado a uma antiga lenda, segundo a qual os corsários mouros, que se vinham abastecer de água doce nesta ribeira, assaltaram a pequena ermida situada nas suas margens, mataram o ermitão e incendiaram tudo antes de fugirem. Quando os habitantes das redondezas se puderam aproximar, encontraram tudo queimado e, no meio das cinzas, a resplandecente imagem da Virgem, absolutamente intocada pelas chamas.

Posto de Turismo de Sines: Rua Francisco Luís Lopes.

Posto de Turismo de Porto Covo: Rua do Mar nº 4.

Praias classificadas como «águas balneares»:

- | | |
|------------------------------|---------------------------------------|
| A Praia Vasco da Gama | D Praia da Vieira |
| B Praia de São Torpes | E Praia Grande de Porto Covo |
| C Praia de Morgavel | F Praia da Ilha do Pessegueiro |

Sines

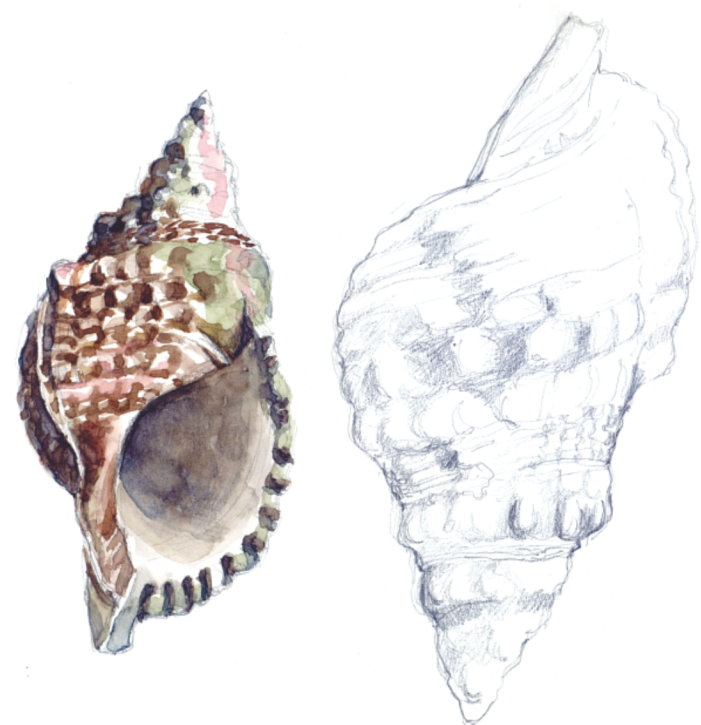
Roteiro da Costa de Sines



Farol de Porto Covo

Sines
MUNICÍPIO

www.sines.pt



Sines
MUNICÍPIO

www.sines.pt



Quem escolhe uma das praias de Sines para passar um belo dia de verão sabe que está a gozar o privilégio de pisar uma das costas melhor preservadas de toda a Europa, onde o Homem parece não ter perturbado o ancestral equilíbrio da Criação, como se aqui tivesse ficado esquecido um pedaço de Paraíso.

Mas para quem quiser mais do que mergulhar nas límpidas águas do oceano e descansar ao sol, propomos que parta à descoberta de um pouco da história destes lugares, onde a presença humana deixou marcas significativas, com a vantagem de não ter de se afastar muito do mar.

Já desde a Pré-História que os nossos antepassados começaram a vir deliciar-se com os mariscos que crescem nas rochas deixadas a descoberto na maré vazia. Depósitos onde abundam as cascas de lapas e caramujos ou os dentes de percebes, testemunham a vinda de caçadores-recoletores, desde o longínquo Paleolítico, situam-se, algumas vezes, ao lado dos modernos restaurantes onde hoje os podemos apreciar, mostrando como certos prazeres intemporais nos ligam a um passado de saborosas memórias.

Quando o Homem descobriu a agricultura e começou a domesticar os animais, passou a instalar-se em povoados permanentes, de cabanas construídas com materiais vegetais e barro, que deixaram poucos vestígios. No entanto, ao ver que uma semente renascia quando lançada à terra, terá passado a enterrar os seus mortos, na mesma esperança religiosa, protegendo-os em sepulturas coletivas monumentais, como a anta que existiu na praia de São Torpes. Em 1591, este monumento foi escavado, pois acreditou-se ser a sepultura deste Santo, homem proeminente da corte de Nero, decapitado por se ter convertido ao cristianismo e se recusar a prestar culto aos deuses pagãos.

A primeira escavação realizada é um dos momentos fundadores da Arqueologia em Portugal. Os misteriosos achados, especialmente uma placa de xisto gravado, trouxeram a esta praia algumas das figuras cimeiras desta ciência emergente, como D. Fr. Manuel do Cenáculo e Leite de Vasconcelos.

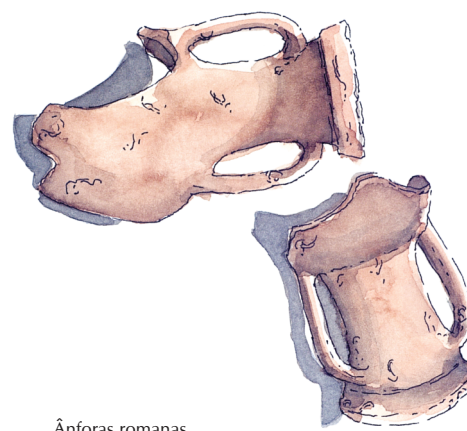
Voltando à Pré-História, vamos encontrar sinais de uma maior complexidade da organização social, mais uma vez nos espaços funerários, na Necrópole do Pessegueiro, desde há muito conhecida como Cemitério dos Mouros, e na da Quitéria, onde os enterramentos passaram a ser feitos em túmulos individuais, agrupados, como num favo, provavelmente perpetuando as relações familiares.

O desenvolvimento das navegações e do comércio marítimo, trouxeram até esta costa embarcações com gregos e fenícios, que aqui comerciaram artigos de luxo, como os que compõem o Tesouro do Gaio, com as suas arrecadas e peças de colar, em ouro, contas de prata, cornalina, âmbar e pasta de vidro, a que não faltam os delicados frascos de perfume, que podem ser admirados no Museu de Sines, instalado no Castelo.

Foram os romanos que, ao dominarem todo o território peninsular, desenvolveram os ancoradouros de Sines e da ilha do Pessegueiro, elevando a outra escala a pesca, associada a oficinas de salga e conserva do pescado, para abastecimento das povoações do interior e até mesmo para exportação para Itália, onde o *garum* ibérico era grandemente apreciado. Um bom testemunho deste tipo de estabelecimentos pode ser visitado junto do Castelo de Sines e quem se quiser aventurar numa inesquecível visita à ilha do Pessegueiro, pode aí descobrir um complexo que funcionou entre os finais do séculos I e V, tendo sido abandonado com a desagregação do Império.



Tesouro do Gaio



Ânforas romanas

Durante a Alta Idade Média, a presença humana foi diminuindo, acompanhando o declínio do comércio e das navegações, e a desertificação instalou-se com os ataques vikings, a partir do século X, e de corsários das mais diversas origens, que pilharam a costa e raptaram muitos dos seus resistentes habitantes, realidade que foi uma constante aterrorizadora até ao século XVIII.

Assim se compreende que o mais visível património monumental da Costa de Sines, sejam as suas fortalezas, começando pelo Castelo, cuja construção foi imposta por D. Pedro I quando lhes conferiu autonomia municipal, em 1362, mas cuja concretização definitiva se terá devido ao infante D. João, mestre da Ordem de Santiago, nos tempos subsequentes à conquista de Ceuta, em que se temeram ataques de retaliação.

O Castelo só ficou concluído por volta de 1480, graças ao impulso do seu primeiro alcaide-mor, Estêvão da Gama, que nele residiu com a sua mulher e filhos, por entre os quais se destacou Vasco da Gama.



Ilha do Pessegueiro

Em finais do século XVI, a ilha do Pessegueiro voltou a ser cenário de intensa atividade, a partir do momento em que Portugal passou a integrar o vasto império de Filipe II, trazendo até às nossas costas os seus inimigos, especialmente os corsários ingleses. Primeiro que tudo foi um projeto comercial, em que se procurou desenvolver a pesca e a criação de uma nova povoação, assentes na melhoria das condições portuárias do canal situado entre a ilha e terra, que no inverno era impossível utilizar a não ser que se criasse um molhe que ligasse a ilha ao penedo do Cavalo, melhorando o seu efeito de quebra-mar. Os ataques ao estaleiro obrigaram à construção de uma pequena plataforma com canhões, pouco eficiente porque os inimigos se abrigavam, usando a ilha como escudo, a que se juntou um pequeno forte, que ainda hoje domina o ilhote, construído segundo o projeto de Alexandre Massai.

Se durante a dinastia Filipina o Litoral Alentejano foi olhado com atenção, o tempo das Guerras da Restauração foi de abandono e de

desespero das populações, pois todos os esforços defensivos se centraram na fronteira com Espanha e na defesa dos principais portos, especialmente no acesso à Capital. Só depois de estabelecida a paz, assistimos a um novo esforço construtivo, com a edificação do forte do Pessegueiro, em terra, frente à ilha, e do pequeno forte de Nossa Senhora das Salas, ou do Revelim, reforçando o efeito dissuasor do curso, ambos projetados por João Rodrigues Mouro.

Mas outros perigos ameaçaram durante séculos os marítimos de Sines. As grandes tempestades de inverno que esmagavam qualquer embarcação que se afoitasse no mar, contra as rochas costeiras. Por isso a proteção divina foi sempre pedida e agradecida por estas gentes, que dedicaram a diversos santos auxiliaadores imagens e ermidas, que pontuavam a falésia e de que se destaca a de Nossa Senhora das Salas, Monumento Nacional, cuja edificação atual se deve ao próprio Vasco da Gama, num gesto de ação de graças pelo sucesso da sua viagem pioneira de abertura do Caminho Marítimo para a Índia.



Senhora da Soledade de Porto Covo

Todos os dias 15 de agosto, as embarcações de pesca, engalanadas, transportam até ao mar a imagem da sua padroeira, que durante 364 dias permanece na fresca penumbra da sua casa, onde se pode admirar o tesouro que foi reunido ao longo dos séculos por todos aqueles que, em paga de promessas, lhe ofereceram joias, vestidos e preces.

Alguns pescadores utilizaram, durante o verão, a pequena angra de Porto Covo, cuja principal função foi, até ao século XVIII, a de porto de embarque de carvão para Lisboa. Um homem visionário, Joaquim Fernandes Bandeira, adquiriu a herdade vizinha e nela implantou um dos mais relevantes projetos urbanísticos da época, fundando uma nova povoação materializada no largo Marquês de Pombal. Esta praça, de planta retangular com quatro torreões nos ângulos e a igreja em destaque no lado Sul, é uma brilhante síntese entre as experiências urbanísticas desenvolvidas pelos nossos engenheiros militares nos vastos espaços do Império, especialmente no Brasil, e a arquitetura tradicional do Alentejo.

A forma ideal para conhecer melhor esta costa é a de estacionar o carro e partir a pé por um dos percursos marcados, seja ele o *Trilho dos Pescadores*, da *Rota Vicentina*, que segue ao longo do mar, de São Torpes até ao Pessegueiro, prolongando-se até ao Algarve, ou os

Percursos Pedestres de Porto Covo, que se encontram devidamente sinalizados e homologados, o percurso da lagoa da Sancha ou dos passadiços da Costa do Norte, aliando ao prazer da descoberta o do exercício físico aligeirado pela fresca brisa marinha.



Largo de Porto Covo



Textos: Ricardo Pereira, José Vidal, Isabel Castanhito e Rui Santos
Ilustrações: Fernanda Lamelas
Design Gráfico: Ana Gil
Impressão: Palmigráfica

Câmara Municipal de Sines, 2025